

Aprender a ser e a reconhecer-se sujeito histórico: experiência com a Educação Patrimonial

SANDRA MARA DANTAS

Professora Associada do Departamento de História da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Tutora do Programa de Educação Tutorial PET História – Conexão de Saberes. e-mail: sandramdantas@hotmail.com.

CAMILLA BERNARDES DA COSTA

Graduada em História pela UFTM. Integrou o Programa de Educação Tutorial (PET) na mesma instituição entre 2014-2017. e-mail: camillabcosta@yahoo.com.br.

MARIA CLARA LIMA SANTANA

Graduada em História pela UFTM. Integrou o Programa de Educação Tutorial (PET) na mesma instituição entre 2014-2016. e-mail: mariaclarasacra@hotmail.com.

MARIÂNGELA DAVID LOPES

Aluna do curso de História da UFTM. Integra o Programa de Educação Tutorial (PET) na mesma instituição desde 2014. e-mail: maridavidlopes@gmail.com.

STEFÂNIA LUIZA PEREIRA SILVA

Graduada em História pela UFTM. Integrou o Programa de Educação Tutorial (PET) na mesma instituição entre 2014-2018. E-mail: stefanialuiza18@gmail.com.



Somos todos sujeitos históricos, estamos constantemente transformando nossa realidade social e a nós mesmos, e é a partir dessa constatação que o presente trabalho se apresenta. Além de relatar uma experiência didático-pedagógica e refletir sobre ela, apontamos a importância de se conhecer a história local e seu entorno e especialmente a relevância da Educação Patrimonial para a preservação dos patrimônios históricos e culturais.

Sob o eixo de estudo “História – Memória – Identidade”, o grupo PET História – Conexão de Saberes, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) desenvolveu um trabalho junto a alunos de escolas do bairro Abadia, em Uberaba-MG. Acreditamos que ao incitarmos o interesse desses indivíduos para seu redor, para que reflitam sobre essa realidade, sobre o mundo e sobre si mesmos, terão a

capacidade de transformar a realidade em que vivem e melhorar sua relação, sua interação com o outro que forma a grande comunidade que é o bairro Abadia. Outrossim, as relações com os demais sujeitos sociais que ainda virão a conviver serão afetadas, já que mesmo jovens são protagonistas da sua própria história, do bairro e da cidade.

O eixo norteador do PET contribui para uma formação mais crítica dos discentes/petianos, bem como para que os sujeitos históricos da comunidade se percebam constituintes e constituidores não apenas da sua própria história, mas também do bairro e da cidade. Além disso, a discussão nos propicia a inserção de outro tema importante, o do patrimônio histórico-cultural. Assim, este estudo nos permite compreender como os indivíduos se identificam, apropriam-se da realidade que os cerca, atribuem sentidos e significados e ressignificam o que está à sua volta.

O bairro Abadia possui inúmeras instituições de ensino formal e não formal. No tocante ao ensino formal de educação básica, há várias instituições públicas e privadas que atendem os Ensinos Fundamental e Médio. O contato com essas instituições para colaborar na discussão do patrimônio histórico local e na construção da identidade dos moradores é válido para que os alunos (crianças e adolescentes) valorizem sua história e a de sua comunidade como elemento constituidor de sua identidade socioespacial.

Para Nora (1993, p. 9),

a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.

A memória possui seus elementos biológicos que podem explicar os esquecimentos e as suas deformações, mas também precisamos considerar a subjetividade que pode explicar por que determinadas lembranças são mais importantes que outras, por que determinadas memórias nos provocam alegrias e outras tristezas.

Nesse sentido, precisamos estar atentos não apenas aos esquecimentos, deformações e subjetividades da memória, mas também às influências de crenças e valores que se criam ou se constroem a partir do lugar social do seu produtor. Acreditamos que a memória tem uma forte ligação com o presente e está apoiada em uma temporalidade, por isso é mutável, o que possibilita ser analisada historicamente.

Por isso, faz-se necessário não darmos à memória, assim como à História um certificado de verdade única e absoluta, pois correremos o risco de alimentar

tradições. É preciso captar as memórias, mas de maneira sempre a questioná-las e criticá-las, principalmente por considerar que nelas encontramos várias dimensões do tempo.

Em relação à identidade, D'Alessio nos aponta que na contemporaneidade assistimos ao surgimento de instituições responsáveis por guardar o passado, o que retrata as perdas coletivas, o desejo de memória e a busca de identidades. “Na busca do espaço, reencontramos a ansiosa busca de identidades ameaçadas, já que lugares e objetos materiais aparecem como imutáveis, portanto, como fatores de estabilidade capazes de referenciar pessoas garantindo-lhes identidades” (D'Alessio, 1998, p. 272).

O conceito de identidade, segundo a autora, tem uma ligação direta com o autorreconhecimento, que é possível pelo espaço. Assim, ao se autorreconhecer no espaço, que se torna um referencial identitário do passado, o sujeito preserva, protege seu eu, ou seja, a identidade é abrigo e proteção.

Segundo Baczko, cada geração carrega consigo definições do homem. É possível entender, a partir do estudo dos imaginários sociais, que “uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de ‘bom comportamento’”. Podemos dizer que o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva e produz uma representação da sociedade “como uma ‘ordem’ em que cada elemento encontra seu ‘lugar’, a sua identidade e a sua razão de ser” (Baczko, 1985, p. 309).

Ao observarmos o bairro Abadia, percebemos que a localidade se transforma em uma interessante fonte de reflexão sobre o imaginário social. A comunidade estudada pelo PET é um dos maiores, mais antigos e mais importantes bairros da cidade e é vista de maneiras distintas pelos moradores. Para alguns, a localidade é um referencial para a cidade, possui uma diversidade cultural e uma identidade peculiar, já para outros, é um reduto de violência e perigo.

A localidade é referencial de religiosidade, com a Igreja e a festa de Nossa Senhora da Abadia, padroeira da cidade; de educação, com grande número de instituições (privadas e públicas) de ensino, desde a educação infantil até o ensino superior¹; de saúde, com várias clínicas e hospitais de referência como o Hospital de Clínicas da UFTM; de sociabilidade, com a feira da Abadia; e de comércio, estes últimos concentrados na Avenida Prudente de Moraes.

Diante desse quadro, o grupo levantou as instituições de ensino tanto públicas, quanto privadas, para possível atuação. A proposta de trabalho escolhida foi a educação patrimonial, mas muito além de defender a ideia de preservação, a preocupação era a de entendermos os sentidos dados pelos alunos aos patrimônios do bairro, e dessa maneira, pensarmos sobre o que é preservado, o que é destruído,

¹ Dentre todas as instituições de ensino do bairro Abadia, dez são escolas de educação básica (sete são públicas – estaduais e municipais – e três são privadas), duas são escolas de ensino superior (uma pública e uma privada).

esquecido, abandonado e silenciado, além do direito ao passado e à cidadania. Ou seja, ir em busca de respostas para as questões: o que preservar? Por que preservar? Como preservar?

[...] Por que preservar? Porque é da possibilidade de construção de identidades que estamos falando, possibilidade de um acesso ao passado que reconhece mudanças e permanências, a identidade, portanto, da qual falava Paul Ricoeur. Esta garantia de acesso ao passado é um direito fundamental para o reconhecimento do território social que cada um de nós ocupa e do modo como este território se entrelaça aos demais. Em outras palavras, um direito político ao entendimento, à discordância e à busca de outras explicações e sentidos (Salvadori, 2008, p. 29-30).

Para a escolha da instituição de ensino, priorizamos a escola que fosse mais carente, que precisasse de maior atenção tanto do poder público, quanto da comunidade. A primeira a ser escolhida foi a Escola Estadual Geraldino Rodrigues da Cunha, que até então não havia recebido nenhum grupo de estudos da UFTM, além de se localizar em uma área mais periférica. Percebemos também que a maioria dos estudantes que frequentava a escola era de moradores de longa data na comunidade e mantinha uma estreita relação com o bairro.

A Escola Estadual Geraldino Rodrigues da Cunha começou sua história com a abertura de salas independentes que funcionavam em casas cedidas por moradores da comunidade. Em 1964, um decreto estadual agrupou as salas independentes em um grupo escolar. Em 1971, o governador Rondon Pacheco propôs a construção de um prédio e, três anos depois, a escola foi oficialmente inaugurada. Atualmente, a escola conta com Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação para Jovens e Adultos.

A segunda instituição foi a Escola Estadual América, criada em 1948 e hoje atendendo a terceira geração de famílias que fazem parte da comunidade. Os alunos, em sua maioria, são de classe média. A escola oferece o Ensino Fundamental e o Tempo Integral².

Enquanto a E. E. América é bem vista pela comunidade, tendo como ex-alunos muitos pais e avós dos atuais estudantes, a primeira escola não tem a mesma tradição de ensino e, ao contrário da anterior, a instituição é um tanto desvalorizada. A E. E. América se encontra próxima da área mais abastada e valorizada do Abadia e do centro da cidade; atende alunos, em sua maioria de classe média baixa, que almejam continuar seus estudos e ingressar no Ensino Superior. Diferentemente a E. E. Geraldino Rodrigues da Cunha localiza-se na área mais afastada do bairro, uma região desprestigiada, conhecida pela violência, longe da parte central da cidade, e atende alunos de baixa renda.

² As informações sobre as escolas foram retiradas do PPP (Projeto Político Pedagógico) e de pesquisas ali realizadas nas mesmas.

A partir da escolha das escolas, buscamos desenvolver um trabalho nas instituições, a fim de realizar um levantamento, identificar e valorizar os patrimônios do bairro, bem como discutir sua importância na construção da identidade *abadiense*³ dos moradores, que os alunos da Educação Básica aprendessem, desde cedo, a se identificar com a história de seu lugar e se reconhecer como sujeitos históricos.

Quando se fala em patrimônio cultural, precisamos mencionar a definição estabelecida pela Constituição de 1988 como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (CF 1988, artigo 216).

O patrimônio vai além dos objetos históricos, artísticos, dos monumentos e centros históricos protegidos e consagrados pelo Estado. É preciso perceber outras formas de expressão que constituem o patrimônio da sociedade e que revelam os diversos aspectos que eles assumem dentro da comunidade, e a melhor maneira para que isso aconteça é desenvolver um trabalho educacional centrado no patrimônio cultural.

Escolhemos, por meio da educação patrimonial, que é uma proposta interdisciplinar de ensino, trabalhar o patrimônio histórico e cultural do bairro, a fim de valorizar sua conservação e entender o processo de construção da identidade *abadiense*. Focamos no tema identidade, uma vez que entendemos que este origina formas de ser, de agir e de relacionar. Percebemos a necessidade de construir, juntamente com os alunos, uma concepção de identidade na forma como eles próprios se veem como moradores, ou frequentadores do bairro, e como eles se posicionam e se identificam no que diz respeito ao bairro Abadia.

Segundo Bittencourt (2004, p. 277), a educação patrimonial “envolve o desenvolvimento de atividades lúdicas e de ampliação do conhecimento sobre o passado e sobre as relações que a sociedade estabelece com ele: como é preservado, o que é preservado e por quem é preservado”. O objetivo é refletir quais memórias estão sendo preservadas e quais são esquecidas, uma ligação direta com o “direito à memória”, que confere cidadania às lembranças e demonstram a influência das identidades de determinados grupos em meio a uma cultura plural e conflitante.

O compromisso do setor educacional articula-se a uma educação patrimonial para as atuais e futuras gerações, centrada no pluralismo cultural. Educação que não visa apenas evocar fatos históricos “notáveis”, de consagração de determinados

³ O termo *ser abadiense* é designado para as pessoas que se sentem identificadas com o espaço, com a sociabilidade e com as demais atividades que ocorrem ou já ocorreram no passado dentro do bairro Abadia. *Abadienses* podem ser moradores, ex-moradores, figuras públicas do bairro e/ou pessoas que tenham alguma ligação com o bairro e que se sintam pertencentes a esse espaço. Além de pertencentes, são pessoas que viveram alguma experiência dentro do bairro e, em consequência dessa vivência, formaram dentro de si esse sentimento de pertencimento.

valores de setores privilegiados, mas também concorrer para a rememoração e preservação daquilo que tem significado para as diversas comunidades locais, regionais e de caráter nacional. Preservação do patrimônio cultural deve pautar-se pelo compromisso de contribuir com a identidade cultural dos diversos grupos que formam a sociedade nacional (Bittencourt, 2004, p. 278).

No afã de desenvolver um sentimento de pertencimento nos discentes, realizamos atividades nas duas escolas, de realidades distintas, a fim de trabalharmos o “patrimônio como algo que recebemos do passado, vivenciamos no presente e transmitimos às gerações futuras” (Rocha, 2012, p. 4).

Para chamar a atenção e despertar o interesse dos alunos para um tema tão pouco abordado na educação brasileira, seguimos uma metodologia diferente. Começamos com a introdução do assunto “patrimônio histórico”, por meio de imagens que representassem patrimônios materiais e imateriais que estão envolvidos em sua realidade, como por exemplo, o Mercado, a Igreja da Nossa Senhora D’Abadia, a feira do bairro Abadia, a antiga cadeia de Uberaba, onde atualmente é o campus 1 da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, e o modo de fazer o Queijo Minas.

Nas oficinas, sempre tentávamos aproximar a realidade do aluno aos bens existentes não só no bairro, mas também na cidade. Afinal, fazer com que os alunos entendam que todos aqueles bens são parte da história da sua comunidade e constituem sua identidade como *uberabense* e *abadiense*, natural da cidade e do bairro, não é algo simples. Como ensinar qualquer outro conteúdo, é preciso encaixá-lo e inseri-lo na história dos patrimônios e desenvolver a importância que aquele monumento tem para a origem e a cultura do bairro.

Toda e qualquer proposta de estudo da questão do patrimônio histórico-cultural que pretenda mais que o simples conhecimento dos bens oficialmente existentes, deve buscar estabelecer relações entre este e o conceito de memória, identidade e cidadania, sem os quais se corre o risco de simplesmente reforçar determinadas lembranças que, consagradas pelo uso e pelo tempo, acabam sendo transformadas em sinônimo da verdade sobre o passado, construído de forma unilateral (Salvadori, 2008, p. 26).

Além da conscientização da importância do patrimônio histórico, procuramos ensinar qual a necessidade da preservação desses bens para a valorização e permanência da identidade da comunidade. Para entendermos a importância que esses patrimônios têm para cada aluno, foi preciso historicizar sua existência e dar um sentido histórico em sua vida. Também foram elencadas e discutidas algumas das principais reivindicações atuais dos moradores e comerciantes *abadienses*.

Outra atividade trabalhada foi a construção de um jogo da vida⁴. Modificamos toda sua estrutura, introduzimos perguntas e desafios relacionados à temática patrimonial. O jogo foi feito com vinil e diversos papéis que, prontos, formavam uma roleta para se escolher quantas casas o aluno deveria andar no jogo. O resultado do jogo foi mais que satisfatório: enxergávamos entusiasmo e interesse nos alunos, e todos responderam o que foi solicitado durante as poucas reuniões que tivemos no decorrer do ano.

Ouvir os alunos, suas impressões, experiências, gostos, preferências, identificação, conhecimentos prévios sobre o bairro foi outra metodologia adotada no projeto. Essa foi uma oportunidade para que pudéssemos, além de nos aproximar dos docentes com quem iríamos conviver durante o projeto, delinear os próximos passos a serem realizados, pois, como nos aponta Oliveira (2014, p. 122), “[...] a escuta atenta sobre as interpretações que as crianças fazem sobre o entorno conduz nosso olhar para outros cenários que olhos já viciados não buscariam”.

Assim, realizamos uma oficina de texto. Solicitamos aos alunos que individualmente escrevessem um texto, apresentando-se e expondo alguns pontos sobre o bairro. Para facilitar a escrita, propusemos um roteiro com algumas questões para que pudessem seguir:

- O que o bairro significa para você?
- Qual a importância do bairro?
- O que há de bom?
- O que deve ser melhorado?
- Qual a possível solução?
- Como o bairro pode influenciar na sua vida?

Os alunos produziram textos com suas interpretações e modos de identificação com a história do bairro Abadia. Os textos redigidos foram lidos e deles selecionamos algumas das opiniões dos discentes expostas por meio da escrita, as quais consideramos essenciais para percebermos suas interpretações e como eles se identificam com a história do bairro e se reconhecem como sujeitos históricos, conforme apresentado em alguns trechos⁵:

O primeiro trecho é de uma aluna de 12 anos, da E. E. América:

Acho que o bairro Abadia de certa forma é importante para todos. Por exemplo, eu no ano passado estudava em outra escola e nem sabia o que era o Abadia, mas vinha sempre aqui na Prudente. Passei para pensar e acho que o uberabense que não veio, ou pelo menos não passou pelo bairro abadia não é uberabense. Não é só

⁴ Jogo da Vida é um jogo de tabuleiro que simula a vida real, auxiliando as crianças a analisarem os riscos de cada uma de suas ações e suas possíveis consequências no futuro.

⁵ Destacamos que os trechos retirados dos textos dos alunos aqui apresentados foram transcritos sem correção de natureza sintática e ortográfica.

pela prudente e sim o mercadão, a igreja ou os eventos como a festa da igreja. Mesmo como eu que não moro, não tenho parente acho que todos tem um pouquinho da abadia no seu coração.

O segundo texto também é de uma aluna de 12 anos da E. E. América:

[...] moro nesse bairro maravilhoso, cheio de histórias e experiências. O bairro Abadia ele é muito importante para mim, gosto muito de sua história. Os comércios são bem populares, a Avenida Prudente de Moraes, o Hospital Escola que é muito acolhedor, passa por várias experiências de cuidado, a Igreja da Abadia, as escolas, a UFTM que é uma das melhores faculdades que pode oferecer vários tipos de cursos, a feira desse bairro é muito populosa e extensa, o mercadão muito turístico [...]. Fui batizada na Igreja da Abadia, desde quando eu nasci estudo em uma das escolas do bairro, meu pai nasceu e cresceu aqui, meus avós etc. Apesar de que hoje em dia o mundo, as cidades e os bairros estarem muito violento, faltando transportes, cheio de veículos, o trânsito bagunçado e pessoas sem paciência, andarilhos por todo lado e apesar desse bairro não ser tão perfeito, não reclamo disso, só tenho a agradecer por ter uma história vivida aqui. O bairro Abadia vai ser sempre conhecido e importante pela sociedade.

Os dois primeiros trechos foram escritos por duas alunas com perfis diferentes. Enquanto a primeira não mora e não tem parentes moradores no bairro Abadia, a segunda é moradora, seus familiares nasceram no local, além de ter sido batizada na maior igreja da localidade.

Ambos os textos, com perfis tão diferentes, nos possibilitam perceber que mesmo os alunos que não são moradores têm consciência da importância do bairro para a cidade. Entretanto, a segunda aluna nos indica uma maior identificação com a localidade ao apresentar que, mesmo com todas as dificuldades e imperfeições existentes, para a discente, as histórias e experiências vividas superam os pontos negativos do bairro.

O terceiro texto é de um aluno de 17 anos, da E. E. Geraldino Rodrigues da Cunha:

Moro no bairro Abadia, na praça que muitos conhecem como praça do pó, muitos falam que é um lugar perigoso, e que tem assalto e roubam, mas não é assim, é só cada um não se envolverem com maus elementos que você convive sossegado. Mas todos os bairros tem assalto, assassinato, roubo etc. No mundo todo tem isso.

O quarto e último texto apresentado é de mais um aluno da E. E. Geraldino Rodrigues da Cunha, de 16 anos:

Bom, o bairro é como qualquer outro, porém é melhor que a “Coréia” que lá é todo

aquele “vuco-vuco”, um lugarzinho bem perigoso, mas o Abadia não é melhor do que condomínios “super-protegidos”. O bairro é um bom lugar para se viver, como todo lugar, o bairro tem seus perigos, bons lugares, boas e más pessoas. Não tenho o que reclamar e nem muito o que me orgulhar.

O terceiro e quarto trechos apresentados nos proporcionaram uma perspectiva muito interessante. Ambos os alunos são da escola localizada em uma região mais periférica do bairro, e o que nos chama atenção é que seus textos estão carregados de desabafos sobre a localidade onde frequentam, estudam e moram. Nossa sensação ao conhecê-los e ao lermos seus escritos é a de que os alunos precisavam derrubar preconceitos que os próprios moradores sofrem diariamente.

Dois locais citados nos chamam a atenção: a “Praça do Pó” e a “Coreia”, também conhecido como “Coreinha”. Ambas as regiões se localizam no bairro Abadia, afastadas do centro da cidade, e são bem próximas à E. E. Geraldino Rodrigues da Cunha. A “Praça do Pó” localiza-se em rua abaixo da escola e recebeu esse nome porque em determinado período contou com intenso tráfico de drogas. A “Coreinha” é uma região que se desenvolveu por meio de loteamentos populares e invasões. Ambas as regiões, com suas histórias e seus boatos contribuíram para a construção de um imaginário social negativo. Dessa maneira, o bairro passou a ser apontado como uma comunidade perigosa e violenta, título que não diminuiu ou diminui a importância e o brilho dado pelos alunos, nem pelos demais moradores do bairro e da cidade.

A partir dessa experiência e dos textos que alguns alunos entregaram, buscamos dar continuidade ao projeto na E. E. Geraldino Rodrigues da Cunha com uma nova atividade. A nova proposta era a realização de um jogo de RPG⁶. Os alunos interpretariam personagens que podem ser encontrados no bairro em que os discentes frequentam, criando narrativas, histórias e um enredo guiado pelas petianas. O intuito era chamar a atenção para os simples detalhes que ocorrem na comunidade *abadiense*, em especial para as pessoas que também são constituintes e constituidoras de sua própria história e do bairro.

Porém, dificuldades e obstáculos foram enfrentados. O maior desafio do PET História foi o tempo. Encaixar as necessidades dos discentes/petianos com a disponibilidade da escola e do professor fez com que o trabalho demorasse a se desenvolver, o que levou à não finalização do projeto na E. E. Geraldino Rodrigues da Cunha. Entretanto, a breve experiência contribuiu para que pudéssemos ter contato com realidades distintas e diversidades culturais, estimular o espírito crítico, experienciar uma atuação profissional pautada pela cidadania e buscar novas práticas pedagógicas.

⁶ A sigla RPG é proveniente de *Role Playing Game*, um estilo de jogo em que as pessoas interpretam personagens, criando narrativas e histórias. O enredo é guiado por um representante, que geralmente é caracterizado como mestre do jogo.

Com todos os contratempos enfrentados, percebemos que estávamos nos deparando na prática com aquilo que sempre debatíamos dentro da sala de aula como alunas do curso de Licenciatura em História, ou seja, a teoria x prática, e a importância de se conhecer o perfil da escola, dos alunos e de seu entorno. Como nos aponta Pimenta e Lima (2011, p. 111),

aprender a profissão docente [...] supõe estar atento às particularidades e às interfaces da realidade escolar em sua contextualização na sociedade. Onde a escola está situada? Como são seus alunos? Onde eles moram? Como é a sua comunidade, as ruas, as casas que perfazem as adjacências da escola? Que fatores explicam a constituição dessa escola e dessa comunidade? Quais problemas e características e como interpretam na vida escolar? Quais determinantes históricos, sociais, econômicos, políticos e culturais dessa realidade?

Precisamos destacar também que, em relação à teoria e à prática, ambas estão ligadas entre si, sendo esse um requerimento para que um ensino de qualidade seja construído com os alunos. E foi nesta perspectiva que o presente trabalho foi desenvolvido com os alunos das escolas do bairro Abadia: teoria e prática como elementos complementares. As práticas adotadas foram inspiradas na teoria, e foram moldadas e executadas de acordo com a realidade dos alunos. Buscamos construir um saber em que o primeiro passo a ser dado era ensinar a eles que eles pertenciam e faziam parte da história do bairro Abadia, e que a história não estava apenas no externo, mas também na realidade e dentro de suas rotinas. Foi com esse início que os alunos começaram a compreender e a se sentir mais que participantes dessa história, entendendo-se como construtores da história de suas realidades, partindo da teoria para chegar à prática, sem dissociação entre elas.

A continuidade das atividades foi concentrada na E. E. América, que proporcionou experiências gratificantes. Lá, a terceira oficina realizada foi a de fotografia. Apresentamos aos alunos algumas técnicas de fotografia a que eles deveriam estar atentos ao tirarem suas fotos, como enquadramentos, planos e ângulos. Depois solicitamos aos discentes que fotografassem o bairro (vejam-se algumas das fotos recebidas na página seguinte).

Por meio das fotos feitas pelos alunos, juntamente com seus textos, percebemos que para os discentes os patrimônios são pontos turísticos e locais que retratam a religiosidade, o comércio e a saúde, sempre citados. Nossa análise leva a compreender que são poucos os alunos que percebem a importância de se preservar patrimônios. Olhares como esses não compreendem que, para determinados grupos, os patrimônios são lugares de identidades, por terem uma relação com o lugar e atribuírem um significado para eles. Essas interpretações implicam a não percepção de que “o patrimônio não é apenas o objeto – material ou imaterial – preservado, mas as práticas, atitudes, significados e valores dos quais o objeto é

um suporte de informação; é um processo humano que lhe confere valor” (Salvadori, 2014, p. 26).



FIGURA 1. Lar da Caridade - Hospital do Fogo Selvagem - Antigo Hospital do Pênfigo de Uberaba. Fonte: Elaborada por aluno da E. E. América.



FIGURA 2. Asilo São Vicente de Paulo. Fonte: Elaborada por aluno da E. E. América.



FIGURA 3. Bar do Lázaro recebe Folia de Reis⁷.
Fonte: Elaborada por aluno da E. E. América.

E por último, realizamos uma visita dos alunos de duas turmas do Ensino Fundamental ao Campus I e ao Centro Educacional da UFTM, passando por ruas que são as regiões mais antigas do bairro, com o intuito de que os alunos se percebessem como sujeitos históricos e entendessem a importância da Universidade como patrimônio para o bairro Abadia e para a cidade de Uberaba.

Ao propormos a atividade de campo, acreditamos que, como nos aponta Oliveira (2014, p. 124), “pensar a escola para além dos seus muros e na relação com outros tantos espaços da cidade e do campo é, sem dúvida, primordial para empreitarmos as mudanças em prol de uma aprendizagem mais significativa para todos”.

A visita foi uma novidade para alunos porque conheceram o interior do Campus I, que abrigou a primeira cadeia da cidade de Uberaba e que, por essa razão, chamou a atenção dos discentes, pois se localiza próximo ao colégio Nossa Senhora das Dores, primeira escola do bairro, a qual inicialmente atendia apenas estudantes do sexo feminino. Além disso, outros questionamentos surgiram, como, por exemplo, a respeito do cemitério que existiu no terreno onde se encontra o Hospital de Clínicas da UFTM.

Com as experiências que tivemos, podemos refletir sobre algumas questões: quais eram as noções de patrimônio antes das oficinas? O que eles sabiam

⁷ Única foto entregue pelos alunos que apresenta um Patrimônio Imaterial.

sobre patrimônio? Como os patrimônios podem influenciar na formação de suas identidades e como os discentes percebem essa influência?

Sobre a Educação Patrimonial nas escolas trabalhadas, pudemos perceber que a maioria dos alunos não percebe a importância dos patrimônios. Para os discentes, patrimônios são pontos turísticos, porque os jovens não reconhecem que sua própria escola ajuda a contar a história do bairro que eles frequentam todos os dias. Já em relação às escolas, a Educação Patrimonial ainda não é um tema que faz parte do currículo das instituições, situação parecida com as demais escolas do bairro.

É interessante notar que a visão disseminada pela imprensa, ao longo da formação do bairro Abadia, é encontrada nas palavras e escritos dos alunos: a memória de um bairro violento, cheio de problemas, mas que apresenta pontos de destaque, como a religiosidade, o comércio e a saúde.

Em relação à identidade, percebemos que poucos são os alunos que identificam o bairro como influência na formação de sua identidade, e nem mesmo apontam que os patrimônios, memórias, experiências, histórias encontradas na comunidade ajudam a construir a identidade *abadiense*. Porém, notamos que alguns alunos, especialmente aqueles que moram ou possuem gerações anteriores de familiares residentes no Abadia, têm facilidade em reconhecer como o bairro faz parte da sua história.

Ao analisarmos o projeto realizado, fica evidente a importância da Educação Patrimonial nas escolas, uma vez que

a Educação Patrimonial acaba por promover uma transformação na maneira de se ver e tratar a cultura e busca um aprimoramento nas formas de repassar para o público leigo, as descobertas científicas, ao ser aplicada em comunidades próximas a patrimônios reconhecidos, como sítios arqueológicos, assim como em escolas, visando sensibilizar sobre a importância do reconhecimento, da valorização e da conservação do patrimônio da região (Rocha, 2012, p. 9).

Nesse sentido, podemos identificar que os alunos não conhecem a história do bairro em que moram ou que frequentam, o que nos sugere que o tema não é frequentemente trabalhado, e isso leva os alunos a não perceberem a importância de projetos como o realizado. Outrossim, ouvíamos sempre a afirmação de que os alunos não ganhariam nada com a participação, não se percebendo que o maior ganho seria eles conhecerem um pouco de sua história, compreendendo como sua identidade está em construção, identificando-se com a história do seu lugar e se reconhecendo como sujeitos históricos.

REFERÊNCIAS

- Bittencourt, Circe Maria Fernandes. “Procedimentos metodológicos em práticas interdisciplinares”, in: *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004, pp. 255-290.
- Baczko, Bronislaw. “A imaginação social”, in: Leach, Edmund et al. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- Brasil. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília-DF, Senado, 1998.
- Candau, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.
- Costa, C. B & Morais, P. P. G. Do Alto da Misericórdia ao bairro Abadia, na cidade de Uberaba: séc. XIX-XX: uma breve discussão histórica. *Revista Alpha*, 16(2015): 359-369.
- D’Alessio, M. M. *Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes*. São Paulo: Projeto História, 1998.
- Nora, P. *Memória e história: a problemática dos lugares*. Trad. Yara Aun Khoury. 10. ed. São Paulo: Projeto História, 1993.
- Oliveira, S. R. F. de. Da sala de aula para a rua ou da rua para a sala de aula? Os movimentos inesperados da vida na cidade e a relação com o saber escolar. *Revista História Hoje*, 3(2014): 121-138.
- Pimenta, S. G. & Lima, M. S. L. *Estágio e Docência*. 7. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011, v. 1.
- Rocha, T. S. F. Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF, in: *XVIII Encontro Regional ANPUH-MG, 2013, Mariana*. XVIII Encontro Regional ANPUH-MG. Ouro Preto: EDUFOP, 2012, v. 1, p. 1-12.
- Salvadori, M. A. B. *História, Ensino e Patrimônio*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2008.

ARTIGO RECEBIDO EM 18/09/2018; APROVADO PARA PUBLICAÇÃO EM 02/12/2018

RESUMO: Todos os homens são sujeitos históricos e atuam na realidade social, transformando-a continuamente. O presente artigo foi elaborado a partir dessa consideração e do trabalho realizado pelo PET História, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), sob o eixo de estudos “História - Memória - Identidade”, na comunidade do bairro Abadia, em Uberaba-MG. A localidade, que é uma das maiores e mais antigas da cidade, possui inúmeras instituições de ensino formal e não formal, com diversos perfis, que nos possibilitaram pôr em prática diferentes atividades que não só contribuíram para o aperfeiçoamento da formação discente, como também para a aproximação da comunidade com a universidade em um exercício de interação.

PALAVRAS-CHAVE: História. Memória. Educação Patrimonial. Uberaba.

ABSTRACT: All men are historical subjects and act in social reality, transforming it continuously. This article was elaborated from the previous consideration, and from the work carried out by *PET História*, from the Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), under the History - Memory - Identity studies axis, in the Abadia neighborhood community, in Uberaba-MG. The place, which is one of the largest and oldest in the city, has numerous formal and non-formal education institutions with different profiles, which enabled us to practice different activities that not only contributed to the improvement of student education, but also to the community with the university in an exercise of interaction.

KEYWORDS: History. Memory. Patrimonial Education. Uberaba.